

“Utopia e Paixão”: sociabilidades estudantis e militância política na constituição do Centro Acadêmico de História da UFRGS – CHIST (1984-1987)¹

Por Jocelito Zalla²

O presente artigo pretende ser uma breve contribuição aos estudos sobre o movimento estudantil contemporâneo no Brasil, tendo como ponto de partida uma entidade de base fundada na década de 80 e como objeto principal a análise da dinâmica de sua constituição. Quando da implementação do Campus do Vale da UFRGS no final da década de 70, o então *Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Letras* fora instalado nos primeiros prédios construídos no local. Naquele momento, o espaço destinado à organização dos estudantes passou a abrigar um diretório uno, englobando os alunos de todos os cursos da unidade, o **DAIU** (Diretório Acadêmico dos Institutos Unificados). Já nos idos de 1979, teve início uma discussão acerca da organização de centros acadêmicos por cursos.³ A proposta parece ter encontrado não apenas adeptos, mas também muitas dificuldades. Os estudantes de História da UFRGS não permaneceram alheios a esse movimento. Em 1984, as discussões recomeçaram, mas, devido a uma greve dos docentes⁴, o projeto de centro acadêmico dos estudantes de História acabou sendo postergado por mais alguns meses. Em 1985, um grupo de estudantes, grande parte das turmas de 1984 e 1985, abriu novas rodadas de discussões e criou aquele que deveria ser o órgão representativo dos discentes de História: o CHIST.⁵

¹ Agradeço ao Prof. Dr. Benito Schmidt do Departamento de História da UFRGS pela orientação sempre dedicada nessa e em outras pesquisas.

² Licenciado e bacharel em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

³ Conforme depoimento do prof. do Instituto de Letras Luís Augusto Fischer, então estudante e integrante do DAIU, ao informativo do Centro de Estudantes de Letras (CEL). FISCHER, Luís Augusto. O CEL antes do CEL. *InformaCEL*. Porto Alegre, abril de 2006, p. 04.

⁴ A greve de 1984, que ficou também conhecida como “greve dos 84 dias”, ocorreu entre os meses de abril e agosto. A mobilização teve como pauta não somente reivindicações da categoria (melhorias salariais e aumento de verbas para as universidades públicas), mas se efetivou nos quadros de um movimento maior que buscava a redemocratização do sistema político brasileiro: a campanha das “Diretas Já”. SCHMIDT, Benito et al. *ADURGS 25 anos: história e memórias*. Porto Alegre: ADURGS, 2004, p. 113.

⁵ Sobre a fundação do CHIST, a hoje professora do Departamento de História da UFRGS Cláudia Mauch comenta: “Segundo eu me lembro, no fim de 84, mas eu posso estar enganada quanto ao ano – esse fim de 84 pode ser início de 85 - que teve a tal da reunião, que eu me lembro muito bem dessa reunião, que a partir daquela reunião começaram a ter reuniões mais freqüentes e que acabaram gerando, aí eu não me lembro o tempo exatamente, mas a criação, ou efetivação do CHIST.” MAUCH, Cláudia. *Entrevista sobre a fundação do CHIST*. Porto Alegre: 24 de maio de 2006. Gravação em fita cassete.

A nova entidade surgiu dentro de um contexto de redemocratização e abertura política, bem como de reorganização do movimento estudantil. Após anos de ilegalidade e perseguição, a UNE (União Nacional dos Estudantes) foi rearticulada a partir do XXXI Congresso Nacional dos Estudantes de 1979. Isso se deu com um forte apoio de diversas entidades e de novos movimentos sociais surgidos então. UNE, movimento estudantil de base e demais movimentos reivindicatórios compartilhavam certas bandeiras: a anistia, a convocação de uma Assembléia Constituinte, a redemocratização do país, a volta ao estado de direito.⁶ A década de oitenta é mesmo marcada no país pelo surgimento e consolidação de diversos movimentos dos mais variados segmentos sociais (movimento sindical, feminista, negro, ecológico, entre outros), bem como de novas formas de organização e de entidades representativas, e pela própria reformulação do “fazer” política.

Assim, encontramos no movimento estudantil do período a formação e o estabelecimento de diversas entidades de base. Este trabalho analisa a constituição de uma dessas organizações: o CHIST, a partir de seu grupo fundador, seus projetos e suas estratégias de ação e práticas sociais. Esta problemática se subdivide em dois objetivos mais específicos: examinar a redes de sociabilidade que permeavam o grupo, compreendendo tanto o papel das trocas afetivas e laços pessoais, como das redes de filiação político-ideológicas no estabelecimento do movimento e, assim, averiguar as relações da entidade/grupo com o movimento estudantil em geral, bem como com o movimento político-partidário.

A perspectiva teórica escolhida visa justamente analisar a entidade também em sua faceta de “grupo social”, o que permite dar atenção aos aspectos do cotidiano estudantil e das redes de sociabilidade formadas. Parece não ter havido, a partir de 1987, uma ruptura na pauta política da entidade ou de sua condução, mas uma reconfiguração do grupo. Grande parte dos estudantes se formou ou, por motivos diversos, deixou a militância. O grupo que integrou o CHIST durante o período teve como denominação de sua segunda gestão “Utopia e Paixão” (1986-1987), expressão que identificava os sentimentos e perspectivas dos sujeitos envolvidos e, pode-se inferir, denotava um ideário da militância estudantil da época. Por esta razão, foi escolhido como “título-fantasia” deste trabalho.

⁶ FAGUNDES, José, KREUTZ, Lúcio. Movimento estudantil no período da abertura política – 1978-1980. *Estudos Leopoldenses*. São Leopoldo, vol. 30, n. 137, Maio/Junho de 1994, p. 67.

Vale salientar que não sobreviveram documentos da entidade referentes ao ano de 1985. A deficiência acerca da documentação escrita a respeito de parte considerável do período analisado fez com que a metodologia da História Oral se impusesse como meio de produção de documentação sobre o objeto. Nesse sentido, busca-se aliar documentação oral e escrita, produzindo o documento oral também com o intuito de identificar dados sobre o passado não encontrado nas fontes escritas. Mas essa inicial contingência acabou se mostrando extremamente frutífera para os objetivos desse trabalho. A metodologia da História Oral revela-se um instrumento privilegiado para a reconstrução das redes de sociabilidade e do microcosmo social da entidade estudada, contemplando a problemática proposta e mostrando-se fundamental para sua análise. Afinal, segundo Maurice Halbwachs, toda memória é coletiva. Diz o autor:

“...nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem”⁷

A memória individual, assim, é entendida como uma intersecção entre os diversos quadros sociais de memórias: “...só temos a capacidade de nos lembrar quando nos colocamos no ponto de vista de um ou mais grupos e de nos situar novamente em uma ou mais correntes do pensamento coletivo”.⁸ Os depoimentos podem ser tomados, então, como representativos de uma memória do grupo, mas tendo em mente que “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda de acordo com o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios”.⁹ Entendo, então, a História Oral como uma metodologia para a produção de fontes orais, fontes que acabam por se cristalizar em texto. Nesse sentido, Teresa Malatian aponta como inegável a hegemonia do escrito, que implica a subordinação do relato oral à transcrição. A autora chama a atenção para tal operação: “Opera-se na construção do relato escrito uma montagem que compreende uma elaboração conceitual camuflada, pois construir significa usar do poder de escrever a memória a partir de um filtro exterior a ela, como uma chave lógica não visível que se manifesta no momento da devolução aos sujeitos históricos do relato

⁷ HALBWACHS, Maurice. *Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990, p. 26.

⁸ *Ibidem*, p. 36.

⁹ *Ibidem*, p. 51.

na forma escrita.”¹⁰ O reconhecimento dessa assertiva teve como corolário a constatação da presença do historiador na produção do documento. Segundo Malatian, a entrevista tem sido entendida cada vez mais como uma “relação interativa, de confronto de subjetividades e de procura do outro”.¹¹ Assim, toma-se o cuidado crítico de entender as condições de produção da fonte oral e do documento escrito subsequente. Alguns aspectos desta produção devem ser evidenciados, como o momento da entrevista, o local e a relação de poder entre entrevistado e entrevistador – muito particular neste trabalho, onde temos uma espécie de inversão de papéis: um estudante “inquirindo” aqueles que hoje são em sua maioria seus professores.

As entrevistas realizadas são de tipo temático, ou seja, guiadas por um tema específico; no caso, a constituição do CHIST e a participação dos depoentes na entidade durante o período abordado. Foram entrevistados a hoje professora do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul Cláudia Mauch, integrante do CHIST em sua primeira gestão e vice-presidente na segunda; a também professora do Departamento de História Cybele Crossetti de Almeida, membro do CHIST e integrante da corrente “Caminhando”, do Partido Revolucionário Comunista (PRC) e posteriormente vinculada ao Partido dos Trabalhadores (PT); o hoje professor da Faculdade de Educação (FACED) Fernando Seffner, estudante de História no período; Marco Aurélio Chaves Cepik, integrante do CHIST no período e militante do PRC e da corrente Caminhado, hoje professor do departamento e do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da UFRGS; e Eugênio Hansen, bibliotecário da UFRGS e membro fundador do CHIST, ocupando o cargo de secretário geral da primeira gestão eleita durante o ano de 1985.

* * *

No processo de formação do CHIST, dois tipos de laços constitutivos são precedentes à sua própria fundação, ou ao ingresso de membros no grupo: “laços de turma” e “ligações político-partidárias”. Os primeiros revelaram-se fundamentais, pois

¹⁰ MALATIAN, Teresa. A circularidade do discurso: perspectivas metodológicas da história oral. In.: DICREDO, M. do Carmo. Fontes históricas: abordagens e métodos. Assis: Editora da UNESP, 1996, p. 54.

¹¹ *Ibidem.*

parte do grupo foi formado por colegas de turma que possuíam certo convívio anterior e também alguma forma de identificação comum.

Mas boa parte da, talvez seja uma percepção muito calcada na minha vivência, é, eu tenho a impressão de que a turma de 84 criou o núcleo do, criou esse núcleo do CHIST que foi mais adiante, que claro, foi se diluindo, né. Quando chega em 87 já não é mais assim. Em 85 e 86 era nossa turma; e claro, naturalmente né, que entrou em 84, em 85 estamos no curso, vamos ficar nesse curso, vamos fazer esse curso.¹²

No entanto, tais laços não explicam a coesão interna do grupo ao longo do período estudado, pois a partir do segundo ano de faculdade, devido a fatores pessoais e diversos e pela possibilidade de cursar as disciplinas em horários diferentes, tais turmas começavam a se dispersar. Apesar de não existir curso noturno, as disciplinas eram oferecidas pela manhã e pela tarde, havendo uma certa divisão entre os estudantes pelo turno cursado, como revela o hoje professor da Faculdade de Educação da UFRGS e estudante de História no momento, Fernando Seffner: “Eu sou de fato da turma que estudava lá quando o negócio se criou. É que essa turma é mais a turma da manhã, porque eu estudei de manhã. Eu me lembro de alguns colegas da tarde.”¹³ Segundo Cláudia Mauch: “Turma era uma coisa meio difícil para quem não tinha tempo ou disposição para passar o dia inteiro no campus.”¹⁴

O segundo tipo de laços identificado como anteriores à formação da entidade, os de cunho político-partidário, cumprem papel determinante também. As aspirações dos indivíduos inseridos nessas redes políticas e sociais prévias fomentavam seu interesse e instigavam seus esforços para o ingresso na entidade e a construção da mesma. Eugênio Hansen, por exemplo, trazia em seu histórico a militância em movimentos de Igreja e a participação em núcleos do também em construção Partido dos Trabalhadores (PT). Marco Cepik, aluno ingressante no curso em 1985, mas que iria se incorporar ao CHIST somente na segunda gestão, em 1986, tinha, além de uma trajetória de militância no movimento secundarista, ligação com a corrente Caminhando, inicialmente vinculada ao Partido Revolucionário Comunista (PRC) e posteriormente ao Partido dos Trabalhadores (PT).¹⁵

¹² MAUCH, C. Op. cit.

¹³ SEFFNER, F. *Entrevista* sobre o CHIST. Porto Alegre: 25 de maio de 2006. Gravação em fita cassete. Obs.: a entrevista foi realizada no Núcleo de Integração Universidade & Escola da UFRGS, no Campus Saúde.

¹⁴ MAUCH, C. Op. cit.

¹⁵ CEPIK, M. *Entrevista* sobre o CHIST. Porto Alegre: 05 de julho de 2006. Gravação em fita cassete. Obs.: a entrevista foi realizada na sala do professor Marco Cepik, no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS.

Buscando compreender as redes de sociabilidade que permeavam a entidade no período estudado e o seu papel na constituição do grupo que estava à sua frente, procurei pensar tais redes a partir da classificação de Maurice Agulhon entre sociabilidades *formais* e *informais*. Em artigo clássico sobre a sociabilidade popular e burguesa, Agulhon formula generalizações e classificações a partir da realidade concreta estudada: a das associações populares e burguesas da França na primeira metade do século XIX – *les circles*. Havia, segundo o autor, no nascer do século retrasado uma “forte pressão em favor da associação de homens sobre a base do voluntariado, da igualdade e da amizade.” É com tais associações, tanto as de cunho burguês, ou seja, composta pelos membros de uma classe média, nem aristocrática, nem popular, quanto as compostas “das gentes do povo”, que Agulhon se ocupa. Assim, o autor faz uma distinção que pode ser pertinente a este trabalho, o de *sociabilidade informal* e *formal*. A primeira é identificada com os serões ou vigílias rurais e com reuniões nos lugares de trabalho (urbano). A segunda é subdividida em *associações profissionais*, *associações culturais* e *associações de lazer*.¹⁶ Seria necessário um grande esforço para identificar o CHIST com as associações profissionais de Agulhon, mas a reflexão sobre o seu caráter formal e/ou informal mostra-se útil na interpretação das redes sociais que permeavam a entidade. As sociabilidades formais estão relacionadas à organização da entidade, onde notamos uma distribuição de tarefas em cargos e funções (presidentes, secretários, tesoureiros) que estabeleciam laços, inclusive hierárquicos, entre os diversos membros do grupo. Heugênio Hansen lembra de ter sido secretário-geral da entidade na primeira gestão, cargo que seria ocupado por Marco Cepik no ano posterior. Cláudia Mauch, integrante da primeira gestão, fora vice-presidente na gestão Utopia e Paixão, presidida por Magda Ganz.¹⁷ Havia, segundo os depoentes, uma divisão mínima entre presidentes, vice-presidentes, secretários e tesoureiros, além de diversas comissões que discutiam questões pontuais, como currículo, por exemplo. As atividades organizadas pela entidade parecem ter tomado também um viés mais formal ao longo dos dois primeiros anos de gestão. Essa

¹⁶ AGULHON, Maurice. Sociabilité populaire e sociabilité bourgeoise ao XIXe siècle. In. POUJAL, G. et HABOURIE, R. *Les cultures Populaires*. Privat, Institut National d’Education Populaire, 1979, pp. 81-91.

¹⁷ Segundo Eugênio, o primeiro presidente eleito do CHIST teria sido o estudante Érico Lacerda. HANSEN, E. *Entrevista* sobre a fundação do CHIST. Porto Alegre: 13 de outubro de 2006. Gravação em fita cassete. Obs.: a entrevista foi realizada no Campus Central da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em frente ao Bar do Antônio.

tendência se manifestou principalmente a partir da gestão Utopia e Paixão, marcada pela adesão de novos estudantes que possuíam uma militância política organizada anterior.

O historiador Jean-François Sirinelli aponta para algumas possibilidades do uso do conceito de sociabilidade para a análise histórica e que considero pertinentes ao presente estudo, indo ao encontro daquilo que Agullon denomina laços informais. O meio intelectual pode ser encarado, segundo o autor, como um “pequeno mundo estreito”, onde os laços se atam a partir de atividades específicas e corriqueiras, usualmente denominadas “redes”.¹⁸ Trabalhando com revistas intelectuais como fontes, Sirinelli mostra que tais veículos “conferem uma estrutura ao campo intelectual por meio de forças antagônicas de adesão – pelas amizades que as subentendem, as fidelidades que arrebanham e a influência que exercem – e de exclusão – pelas posições tomadas, os debates suscitados, e as cisões advindas.”¹⁹ Como o próprio autor salienta, as estruturas de sociabilidade variam de acordo com a época e os grupos estudados. No entanto, acredito que as similaridades entre uma entidade acadêmico-política como o CHIST e um órgão de imprensa como as revistas analisadas por Sirinelli podem ser bem mais estreitas do que as reveladas em uma primeira impressão. Podemos considerar ambas as organizações como *veículos aglutinadores e articuladores do grupo*. Não é muito difícil identificar, assim, em entidades de base como o CHIST as mesmas forças antagônicas de adesão e exclusão apontadas por Sirinelli e, como nos grupos de intelectuais pesquisados pelo autor, pode-se também em um grupo político estudantil dar atenção ao fato de que “a atração e a amizade e, *a contrário*, a rivalidade, a ruptura, a briga e o rancor desempenham igualmente um papel às vezes decisivo.”²⁰ Pensando ainda na interpenetração entre o afetivo e o ideológico, Sirinelli define duplamente a palavra sociabilidade como “redes” que estruturam e “microclima” que caracteriza um microcosmo particular.²¹ À luz destas considerações, pode-se deduzir que, mesmo em entidades organizadas, as formas de sociabilidade informais são também partes constitutivas de sua estrutura. Atividades espontâneas ou de curta duração são responsáveis pela fundação de novos laços, manutenção de antigos e, talvez, rompimentos de outros. A pesquisa realizada evidenciou não somente o papel fundamental de laços afetivos na estruturação da entidade como revelou um cosmos

¹⁸ SIRINELLI, Jean-François. “Os intelectuais”. In: REMOND, René. *Por uma história política*. 2ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003, p. 248.

¹⁹ Ibidem, p. 249.

²⁰ Ibidem, p. 250.

²¹ Ibidem p. 252-253.

social muito mais amplo do que aquele compartilhado pelo grupo que estava à sua frente.

As festas cumpriam um importante papel na estruturação desse cosmos social, apesar de não terem ocorrido com frequência, devido às próprias características e dificuldades do meio estudantil da UFRGS no momento, como a falta de uma vida noturna no Campus do Vale. Estas dificuldades fomentavam parcerias com outras entidades de base, como a promoção de atividades conjuntas em outros *campi* da Universidade. Mas o espaço de vivência privilegiado dos estudantes de História permanecia o Campus do Vale. Fernando Seffner lembra do local, então compartilhado pelo CHIST, CEL e CECS, denominado Toca e ressalta também os obstáculos da vida no Campus:

“Eu me lembro daquele lugar desde o início. Ele tinha um entorno diferente né. Porque aquilo não era tão ajardinado assim. Então ele tinha um acesso um pouco diferente do que é hoje em dia, eu não saberia dizer, alguém deve ter tirado uma foto daquela época. Mas ele tinha um acesso um pouco diferente. E me lembro também das festas, digamos assim, das coisas, de assim, eu me lembro duma cena de algum movimento, as pessoas levando vinho pra lá, alguma coisa. Agora, eu sou de uma época onde o Campus do Vale de noite existia muito pouco, então tudo isso era manhã e tarde, a partir das seis da tarde já tava só os guardas lá e a cachorrada.”²²

Apesar das dificuldades e da conseqüente pouca frequência desse tipo de atividade, elas podem ter sido importantes fatores aglutinadores do grupo. Marco Cepik lembra com certo saudosismo as festas da Toca:

“E a gente fazia muitas festas também. As festas eram divertidas. Não era... Depois eu achei um ambiente meio ‘deprê’ assim. Às vezes vinha aqui visitar e aquela Toca já era uma coisa mais, mais, acho que acompanhou a decadência do Bom Fim. Um pouco se refletiu na qualidade das coisas da Toca. As nossas festas eram mais animadas, mais bom astral.”²³

De extrema importância parecem ter sido também os encontros ocasionais, marcados fortemente pelos laços de amizade, mas que muitas vezes acabavam se convertendo em atividades informais do grupo, como discussões e debates políticos:

“Para mim era um pouco difícil separar o que era reunião do CHIST e o que era sentar na grama, no sol, no inverno, no campo. Então tinham pessoas que participavam muito mais da conversa. Ou era difícil estabelecer a fronteira, onde começava a reunião e onde terminava a conversa, a coisa de, da (inaudível) mesmo, de ficar conversando...”²⁴

²² SEFFNER, F. Op. cit.

²³ CEPIK, M. Op. cit.

²⁴ MAUCH, C. Op. cit.

A informalidade desse tipo de encontro proporcionava também a inclusão de indivíduos não formalmente ligados à entidade, mas que possuíam vínculos de amizade com integrantes do grupo:

“Tinham várias pessoas que gravitavam, que conviviam no CHIST sem ser exatamente da diretoria. E isso era muito natural, e era muito bom. E só no momento em que a questão, por exemplo, da linha política passou a ser mais... a aparecer mais, estar mais presente nas discussões, é que aí talvez tenha ficado um pouco mais claro que aquilo, que a nossa organização era meio ‘anárquica’ assim.”²⁵

Fatores como rivalidade e ruptura se mostram também relevantes na dinâmica social de uma entidade estudantil de base. Através dos depoimentos, podemos inferir que o convívio entre os diversos membros se deu de forma em geral amistosa, mesmo entre aqueles que possuíam uma posição política tida como independente e os chamados militantes. Mas o bom convívio não significava a inexistência de atritos. E os motivos destes parecem ter sido justamente as disputas políticas, como revela a hoje professora Cybele Crossetti de Almeida, integrante do CHIST desde a primeira gestão e militante da corrente Caminhando:

“Era muito engraçado porque a gente sempre ficava dizendo que os outros é que estavam aparelhando, e eles diziam que era a gente que tava aparelhando, claro. Então, era muito engraçado, porque essas brigas que tinham dentro do PT, das tendências, principalmente essas duas, a DS e a Convergência, as três né, DS, Convergência e Caminhando. A Convergência acho que não tinha ninguém, mas a DS e a Caminhando tinha aqui e a gente brigava muito, a ponto de se fazer assim, alianças com gente fora do PT contra um cara do PT...”²⁶

As opções político-ideológicas poderiam gerar disputas, alianças internas e divisões quanto a questões pontuais, como posições da entidade nos encontros do movimento estudantil de história ou composições para chapas nas eleições para o DCE, por exemplo. De qualquer forma, parecem não ter sido suficientes para causar alguma cisão ou ruptura permanente. Ainda assim, possivelmente se constituíram em fatores importantes na desarticulação do grupo no período final da sua segunda gestão à frente da entidade.

Parto, também, da premissa de que a entidade estudada comungava com o movimento estudantil mais amplo características de *movimento social*. Segundo Maria da Glória Gohn, o estudo de um movimento social deve levar em conta dois ângulos

²⁵ Idem.

²⁶ ALMEIDA, C. C. *Entrevista* sobre o CHIST. Porto Alegre: 14 de junho de 2006. Gravação em fita cassete. Obs.: a entrevista foi feita na sala da profa. Cybele Crossetti de Almeida no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS.

básicos: o *interno* – compreendendo suas demandas e reivindicações e os repertórios de ações coletivas que geram, sua composição social, suas articulações, sua ideologia, seu projeto, sua organização e suas práticas – e o *externo* – considerando o contexto do cenário sociopolítico e cultural, os opositores (quando existirem), as articulações e redes externas construídas pelas lideranças e militantes em geral e as relações do movimento como um todo no conjunto de outros movimentos e lutas sociais.²⁷ Não cabe considerar o CHIST como um movimento social, pois entende-se que os mesmos agem dentro de “espaços coletivos não institucionalizados”²⁸. Apesar da não regulamentação do órgão, o CHIST nasce como uma entidade representativa e é reconhecido como tal. No entanto, essa entidade surge também inserida dentro de um movimento social mais amplo, o movimento estudantil, e, assim, comunga com este determinadas características que lhe imprimem uma certa lógica de movimento social.

Uma difusa inspiração anarquista parece ter dado o tom das duas primeiras gestões do CHIST. Tal inspiração confundia-se com a falta de uma militância política organizada e, conseqüentemente, de posições políticas definidas. O cunho anarquista, ou de inspiração anarquista, parece ter sido o mote das primeiras gestões do Centro Acadêmico dos estudantes de História da UFRGS. O integrante de sua segunda gestão e hoje cientista político Marco Cepik lembra que no período havia uma espécie de “caldo cultural libertário” no seio do movimento estudantil na área das humanidades.²⁹ Eugênio Hansen confirma a influência do pensamento de Paulo Freire não somente no CHIST, mas também no CECS (Centro de Estudantes de Ciências Sociais):

²⁷ GOHN, Maria da Glória. *Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. 3ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 1997, p. 255.

²⁸ A autora formula a seguinte conceituação: “Movimentos sociais são ações sociopolíticas construídas por atores sociais coletivos pertencentes a diferentes classes e camadas sociais, articuladas em certos cenários da conjuntura socioeconômica e política de um país, criando um campo político e de força social na sociedade civil. As ações se estruturam a partir de repertórios criados sobre temas e problemas em conflitos, litígios e disputas vivenciados pelo grupo na sociedade. As ações desenvolvem um processo social e político-cultural que cria uma identidade coletiva para o movimento, a partir dos interesses em comum. Esta identidade é amalgamada pela força do princípio da solidariedade e construída a partir da base referencial de valores culturais e políticos compartilhados pelo grupo, em espaços coletivos não institucionalizados. Os movimentos geram uma série de inovações nas esferas pública (estatal e não-estatal) e privada; participam direta ou indiretamente da luta política de um país, e contribuem para o desenvolvimento e a transformação da sociedade civil e política. Estas contribuições são observadas quando se realizam análises de períodos de média ou longa duração histórica, nos quais se observam os ciclos de protestos delineados. Os movimentos participam portanto da mudança social histórica de um país e o caráter das transformações geradas poderá ser tanto progressista como conservador ou reacionário, dependendo das forças sociopolíticas a que estão articulados, em suas densas redes; e dos projetos políticos que constroem com suas ações. Eles têm como base de suporte entidades e organizações da sociedade civil e política, com agendas de atuação construídas ao redor de demandas socioeconômicas ou político-culturais que abrangem as problemáticas conflituosas da sociedade onde atuam”. *Ibidem*, pp. 251-252.

²⁹ CEPIK, M. *Op. cit.*

“Ah, havia uma influência dos autonomistas e umas coisas assim, então, eu lia o livro do Roberto Freire. O pessoal dos autonomistas tinham mais influência no CECS. Tinha uma ligação entre eles e a LIBELU*. Tanto é que o nome era CECS Livre.”³⁰

Apesar do não alinhamento partidário, houve participação de integrantes de tendências e partidos políticos em ambas as gestões estudadas. A chapa formada para a segunda gestão gozava da mesma característica, como aponta Marco Cepik:

“Dessa chapa, uma característica interessante era que apesar de ser um momento em que as tendências de esquerda no movimento estudantil eram muito fortes, era uma chapa majoritariamente de pessoas independentes e muito engajadas no curso, nos assuntos do curso e nos alunos do curso. Nós éramos apenas dois militantes orgânicos de movimento de esquerda. Era o Alfredo Alejandro*, que era da Democracia Socialista e eu que era inicialmente de uma tendência chamada Ponto de Vista, ligada ao Partido Comunista Brasileiro Revolucionário e depois a tendência Caminhando, ligado ao Partido Revolucionário Comunista (PRC), do Tarso Genro...”³¹

As posições divergentes entre militantes partidarizados, anarquistas e independentes faziam com que as decisões do grupo fossem tomadas após intensos debates:

“Nós não éramos eficientes em ter posições rápidas para algumas questões, tanto para votar aqui como votar ali... Porque? Porque todas as questões eram longas discussões, argumentos, não chegávamos com uma coisa pronta. E os militantes que então chegavam com alguma posição pronta tinham que enfrentar os outros não militantes...”³²

Para muitos dos discentes que tomaram a frente na organização da entidade, esta viria resolver um problema encontrado no curso durante o período: a falta de organização dos estudantes em prol de suas reivindicações e a ocupação de espaço nas instâncias deliberativas do Departamento. O grupo se mostrou ativo em relação às questões internas do curso e engajado em atividades como as discussões sobre alterações curriculares, eleições de chefia do Departamento e a reivindicação da abertura de um curso noturno.

Em 1984, o DAIU existia somente formalmente. A partir de 1985, a primeira gestão do CHIST parece ter já se engajado na vida política e acadêmica do curso:

* Abreviação de “Liberdade e Luta”, corrente trotskista do movimento estudantil nos anos 70, dissolvida em meados dos anos 80. Participou da reconstrução da UNE e da UBES (União Brasileira dos Estudantes Secundaristas) e foi berço político de alguns dos principais fundadores do Partido dos Trabalhadores.

³⁰ HANSEN, E. Op. cit.

* Alfredo Alejandro Gugliano, militante da Democracia Socialista, corrente marxista vinculada ao PT.

³¹ CEPIK. Op. cit.

³² MAUCH. Op. cit.

“As reuniões que a gente fazia reuniam bastante, bastantes alunos, eu me lembro que havia, foi uma chapa que fez muitas coisas assim, foi uma diretoria que fez muitas coisas, que participou ativamente de reorganizações de currículo, de reforma curricular do curso, representação discente nas instâncias do Colegiado.”³³

Um dos fatos marcantes para os depoentes foi a participação dos estudantes nas eleições para a chefia de Departamento no ano de 1985:

“Eu me lembro perfeitamente de reuniões com os alunos da História. Vou dar um exemplo assim de um episódio concreto: eleições para chefia de Departamento. Eu peguei o período que acho que nessa Universidade começaram as eleições para as chefias de departamentos. Eu me lembro duma eleição que acho que era para suceder a Heloísa Reichel que agora tá lá pela UNISINOS, há muitos anos já, ah e eu era tão maldoso, nós acusávamos elas de que elas eram um grupo de madames assim, né. (...) Mas assim, é, então a gente dizia que elas não faziam reunião, que tudo era resolvido em chás na casa da Heloísa Reichel. (...) E a gente, quem era o nosso candidato à chefia do Departamento? Sabe que eu não sei se não era o Dario, era o Dario, claro, com certeza, o Dario candidato a chefe do Departamento e a Céli, depois mais adiante (...). Eu peguei essa fase, então o que eu quero dizer, eu me lembro de reuniões naquela sala primeira do corredor de baixo que era a maior, a maior que tinha, até hoje acho que é a maior, uma de cima ou de baixo, uma maior que tinha um recuo, eu me lembro de discussões da candidatura, em que havia pessoas do curso de História, que eu não vou me lembrar agora também quem são, o curso era grande também. (...) Eu me lembro que havia isso, assim, sabe, falavam pessoas que eu identificava como sendo de correntes políticas né, algumas eu conhecia...”³⁴

O episódio parece ter gerado grande movimentação não somente na entidade, mas entre os alunos do curso em geral, que tomaram posição a favor de um dos candidatos, o professor Dario Ribeiro:

“Ah, eu me lembro que foi um grande (inaudível), só isso que eu me lembro, baixaria, pixação, cartazes. E os alunos naquela época, como hoje, não era diferente, adoravam o Dario. O Dario era uma pessoa assim incrível, diferente. E todo mundo gostava dele, claro. A Céli é uma grande professora. Eu fui aluna dela no bacharelado, aprendi muita coisa com ela, é uma grande, grande professora, mas ela tem um outro perfil, ela tem um perfil acadêmico. O Dario, ele tem um perfil que é mais do que só o acadêmico. Ele tem uma coisa assim meio de militante, eu não sei o que é, ele parece o Marx. Ele não era tão seco como ele tá agora, ele era mais barrigudinho, então parecia a foto do Marx que tem do Marx com o cabelo comprido. Era muito engraçado. Ah, e naquela época era todo mundo marxista. Quase todo mundo, até os professores, né? Um que outro não era marxista. A minha formação foi toda nessa linha”³⁵

A identificação dos alunos com o professor Dario parece ter sido não somente devido às suas posições teóricas e políticas, mas também por elementos simbólicos

³³ Idem.

³⁴ SEFFNER, F. Op. cit.

³⁵ ALMEIDA, C. C. Op. cit.

como a barba e o cabelo que configuravam uma imagem de “militante”. Libertários e marxistas viam na figura do professor uma contestação ao *status quo* vigente na academia. A organização da entidade parece ter sido passo fundamental para a organização dos alunos na defesa de sua posição durante o episódio. Essa organização permitiu também a mobilização dos estudantes para a participação em outras discussões do período. Dentre elas, a própria discussão sobre as formas de representatividade estudantil:

Mas o fato é que, eu me lembro assim disso, Assembléias carimbadas com gente para defender certas posições, lembro também, quando falo de coisa anarquista, eu me lembro de um ou outro colega. Eu tô aqui falando de anar..., tô definindo como anarquista, mas não sei dizer até que ponto essa gente, digamos, era agrupada né. (...) Naquela conjuntura da eleição eu me lembro de gente falando contra essa idéia de participação progressiva, digamos assim, na gestão da Universidade, discurso que a gente ficou mais anarquista e me lembro de mim mesmo e de outros defendendo que a gente devia organizar tudo por conselhos, porque essa discussão tava toda em andamento na época, hoje em dia ela tá acabada já, entende. (...) Mas eu acho que onde tinha mais disso era nas ciências sociais, no CECS. Que eu me lembro de reuniões conjuntas, por exemplo, diretor de Instituto, né, eu participei...³⁶

Dentro do curso de História houve uma participação efetiva nas comissões do Departamento. Em 1986 foi instituída uma *Comissão de Melhoria da Graduação ou de Reforma Curricular*, composta por professores e alunos. No segundo semestre de 1986 os estudantes Fernando Ferreira da Cunha Neto e João Pinto Furtado divulgavam relatório sobre as atividades da referida comissão que, com o objetivo de abranger um número maior de interessados optou pela realização de um Seminário de Avaliação:

“Quando começamos a trabalhar juntos à Comissão de Estudos da Graduação, acreditávamos ser possível discutir o ‘problema’ da melhoria do curso a nível de representações de estudantes e professores. Com o desenvolvimento dos trabalhos tornou-se patente a necessidade de uma discussão ampla que englobasse a totalidade dos interessados, evitando-se ‘mal-entendidos’ e ‘manipulações’. Após uma discussão acirrada aprovou-se a realização de um Seminário de Avaliação com duração de uma semana. Esse seminário vai congrega a totalidade de estudantes e professores do Departamento, discutindo desde a grade curricular do curso até a relação Professor-Aluno.”³⁷

Outra demanda dos estudantes era a abertura de um curso noturno, como conta a hoje professora Cybele Crossetti:

“E eu me lembro, como disse, mais assim do final, essa coisa que para mim foi a coisa mais importante, hoje em dia estou assim, completamente convencida, uma das coisas assim que eu me lembro de ter feito parte disso que é a coisa do curso

³⁶ SEFFNER, F. Op. cit.

³⁷ RELATÓRIO das reuniões da Comissão de Melhorias da Graduação. CHIST. 1986. ANEXO II.

noturno e isso acho que é assim, a coisa mais importante. Tinha muita resistência por parte dos professores quanto a isso, naquela época, porque naquela época não tinha, hoje em dia tem a pressão do governo para que haja cursos à noite, mas naquela época não havia ainda, estava recém começando. (...) Não tinha biblioteca, nem segurança. Curso noturno começou em 89, mas antes disso já tinha cadeiras oferecidas à noite.”³⁸

A mobilização estudantil através do Centro Acadêmico obteve no período o oferecimento de disciplinas no período da noite, o que pode ter sido prenúncio importante para a abertura do curso noturno em 1989.

As reuniões da entidade aconteciam no espaço denominado “Toca” e nas salas de aula do então Prédio 40, além de encontros informais entre membros do grupo, como visto no capítulo anterior. Segundo Cybele Crosseti, a maior parte das atividades formais ocorria no Toca: “Acho que a maior parte era na Toca sim. Uma que outra, às vezes tinha mais gente, a gente fazia em sala de aula, pegava uma sala grande, mas normalmente era na Toca”.³⁹ Como visto em depoimento de Cláudia Mauch, tais reuniões costumavam ser bastante demoradas, pois as divergências político-ideológicas demandavam longas discussões. Tais divergências se davam em duas frentes principais: entre anarquistas e marxistas-leninistas e entre as correntes marxistas.

A maneira como se dava a disputa no campo ideológico da entidade deve ser entendida pela própria compreensão comum aos militantes de que havia a necessidade de reconstruir o movimento estudantil. Existia um sentimento generalizado de decadência do movimento:

“ Eu me lembro assim, do clima da época, uma coisa que eu me lembro é que a gente tinha essa coisa assim: vamos tentar reerguer o movimento estudantil. E eu me lembro que a gente tinha, eu tinha muito, imagino que na área só eu, uma coisa assim de nostalgia dos anos 70”⁴⁰

Tal sentimento passava por uma espécie de saudosismo de um passado de glória do movimento estudantil, de uma militância combativa e de resistência:

“A década de 70 que tinha aquelas coisas da ditadura, o auge da ditadura e as pessoas faziam militância. Então a gente tinha muito dessa coisa de querer imitar as pessoas, sabe. Eu me lembro que tinha assim uma coisa de poesia que inclusive aparece no jornal aquele, Leminski, Ferreira Gullar, uns caras contestatórios assim. As músicas do Geraldo Vandré, sabe, que tinha isso assim, toca violão, e aí tocava as músicas de Vandré, e eu tocava, era uma das coisas que eu tocava.”⁴¹

³⁸ ALMEIDA, C. C. Op. cit.

³⁹ Idem.

⁴⁰ Idem.

⁴¹ Idem.

Nessa reconstrução, os militantes de partidos e correntes viam o movimento estudantil como uma peça de um mecanismo maior que viria a conduzir um processo revolucionário no país. Assim, era necessária sua organização em direção à Revolução:

“Obviamente que para quem era militante de organizações de esquerda, a participação no diretório acadêmico era parte nesse processo de recrutar almas. Nosso objetivo era muito limitado em relação às ações do Centro Acadêmico. A maneira como eu me engajo, o Alfredo se engaja nessa chapa é bastante diferente da motivação que tinham os colegas que, digamos, preocupados com as coisas do curso, dos alunos do curso. Pra gente, o movimento estudantil como um todo era uma das frentes de atuação que a gente tinha. (...) Dentro duma perspectiva que os grupos tinham naquela momento de acumular forças para fazer a Revolução, o objetivo da gente aqui era aproveitar as mobilizações estudantis para sensibilizar para as propostas das organizações, maior parte de, maior quantidade possível de quadros, então para recrutar esses quadros para as nossas organizações.”⁴²

Seu engajamento no movimento se dava com o objetivo de conquistar quadros para suas organizações em favor da Revolução vindoura.

“Aí claro, isso eu não vou dizer todos, mas tinha gente, no nosso grupo, eu e o Cepik, por exemplo, e o meu marido, que acreditava na Revolução, era uma coisa completamente idealista e utópica, porque eu nunca peguei uma arma na minha vida, nem sei atirar, nem quero (...) A gente sonhava com a Revolução sabe, a gente pensava, bah, vamos fazer, vamos nos organizar, vamos organizar o movimento estudantil, o movimento operário, o camponês e todos nós juntos, uma coisa bem... maluca. Ninguém tinha noção de nada, nem de organização, nada né.”⁴³

A posição independente de grande parte dos integrantes do CHIST pode ter facilitado esse processo de “recrutamento de almas”⁴⁴. No entanto, em sua maioria, tais estudantes permaneceram desvinculados de organizações político-partidárias durante o período. Um fator que explicaria essa posição era a sua própria visão acerca do movimento estudantil: um movimento que não tinha ambições maiores do que a de lutar pelas demandas dos estudantes, de engajar-se nas questões do curso, como aponta Cybele Crossetti ao lembrar da crença no processo revolucionário:

“Mas a gente, esse eu acho assim era o ideário. Claro que provavelmente não era o de todos. A Claudinha, por exemplo, eu não consigo imaginar ela muito nesse clima, não sei o que ela te contou, eu fico até curiosa, porque a Cláudia que eu me lembro, era, como eu disse, era meio independente, a Cláudia eu acho assim era das pessoas que eram assim, o movimento estudantil pelo movimento estudantil, enquanto que eu, o Alfredo e o Cepik, a gente tava no movimento

⁴² CEPIK, M. Op. cit.

⁴³ ALMEIDA, C. C. Op. cit.

⁴⁴ A expressão é de um dos entrevistados.

estudantil com um propósito, uma parte assim, uma peça da engrenagem maior, tu entende o que eu quero dizer?!”⁴⁵

Como ressaltado anteriormente, um os laços precedentes à formação do grupo que conduziria o CHIST era o político-partidário:

“Muitos calouros que entravam na Universidade já entravam com alguma formação, algum engajamento e, dependendo do grau de preparação que os diretórios acadêmicos tinham para receber, esses calouros já começavam a participar logo”⁴⁶

Nos anos oitenta, o Partido dos Trabalhadores surgia como alternativa de esquerda partidária no país, englobando diversas novas correntes, organizações esquerdistas que possuíam já um histórico de ação política, tendências vinculadas a instituições internacionais e diversos movimentos sociais, entre eles, o movimento estudantil. No Centro Acadêmico de História, duas dessas correntes, a Democracia Socialista e posteriormente a corrente Caminhando, como visto, disputavam a hegemonia na entidade e o recrutamento de militantes para suas organizações. A presença dessas tendências perpassava diversas entidades do movimento estudantil e estabelecia uma rede de contatos e atuação na qual o CHIST estava integrado. Essa rede se estendia por diversos níveis, chegando até a União Nacional dos Estudantes – UNE. Sobre a relação com outras entidades, Cybele Crossetti de Almeida revela:

“Lembro, isso eu me lembro, como tinha, passava de novo pelas tendências. Então a gente tinha assim, chamava nominata, várias pessoas que então estavam na base, que a gente chamava e iam para as outras instâncias, até o DCE, mas não só o DCE, a UNE. O Juliano Cordelini é um que passou pela gente, era das Ciências Sociais e eu acho que era um pouco posterior à minha época, mas chegou a tar, ter um cargo na UNE, tinha outras pessoas também, daí a gente apoiava, então. Eu, com o DCE acho que não cheguei a me envolver, mas eu me lembro assim de apoiar, de ir em reunião representando o CHIST, essas coisas, isso eu me lembro de fazer.”⁴⁷

Em função dessa ligação, em 1987 o CHIST foi convocado para a participação no IV EREPT/RS – Encontro Regional Estudantes PT.⁴⁸ O objetivo do Encontro seria o de unificar os estudantes petistas e o movimento estudantil em torno de questões de conjuntura nacional – aumento de salários, jornada de trabalho de 40 horas semanais, liberdade e autonomia sindical, reforma agrária e não pagamento da dívida externa – e de luta estudantil – ensino público e gratuito para todos, democratização da função

⁴⁵ ALMEIDA, C. C. Op. cit.

⁴⁶ CEPIK, M. Op. cit.

⁴⁷ ALMEIDA, C. C. Op. cit.

⁴⁸ CONVOCATÓRIA para o IV EREPT. Porto Alegre, 24 de abril de 1987. ANEXO III.

social da Universidade, da sua gestão interna (eleições diretas e paridade), aumento de vagas e cursos noturnos, ensino vinculado a pesquisa e padrão único de Universidade.⁴⁹ Não sabemos se o CHIST, como entidade, participou do Encontro, mas é bastante provável que os membros vinculados ao Partido o tenham feito, bem como, tenham assumido tais bandeiras na militância no centro acadêmico.

Outra característica foi a inserção da entidade no movimento estudantil da área de História, desde sua fundação, participando não somente de Encontros de Estudantes, mas ajudando em sua organização e promoção. Já em 1986, o CHIST promove um EEEH, Encontro Estadual de Estudantes de História:

Bem, a gente, acho que, em 84, foi eu e a Sonia Ranishesk representando a UFRGS no Encontro Estadual dos Estudantes de História, que aconteceu em Passo Fundo. (...) A gente tava recém começando e, olha, a não ser que tenha, a gente tava autorizado a apresentar a proposta de sediar o próximo encontro, desde que não houvesse ninguém se candidatando. Como o pessoal de lá, de modo geral, tinha a intenção de vir para Porto Alegre, foi fácil aprovar.⁵⁰

Parece que, na verdade, a participação em Passo Fundo se deu em 1985, pois, como relatado, o encontro seguinte fora sediado em Porto Alegre. Ainda em 1985, a entidade enviou representantes ao ENEH (Encontro Nacional de Estudantes de História), realizado em Curitiba. A partir daí, o CHIST se engajou na organização dos ENEHs de Cuiabá (1986) e Brasília (1987).

O envolvimento com o movimento estudantil de área se deu através da SEGEH – Secretaria Gaúcha de Estudantes de História, órgão congregador das entidades de base da área no Estado. Em agosto 1986, o jornal “Redescobrir”, informativo da SEGEH, fazia a avaliação da participação gaúcha no VII ENEH, de Cuiabá, com quatro delegações (UFRGS, FAPA, UFSM E UFPel):

“A participação dos gaúchos (SEGEH) foi, no nosso entender, muito boa. Levamos propostas importantes discutidas previamente (discutidas no EEEH); tivemos uma participação qualitativa e numérica importante nos debates e cursos; participamos da coordenação do Encontro; ajudamos a organizar a passeata com os sem-terra; participamos das festas e dos passeios (também, é claro).”⁵¹

Além de debates de conjuntura nacional, o Encontro discutiu dois pontos caros à área: a profissionalização do ofício do historiador e a formação do profissional em

⁴⁹ Idem, pp. 2-3.

⁵⁰ SEFFNER, F. Op. cit.

⁵¹ A AVALIAÇÃO da SEGEH e a participação do RGS. *Redescobrir*: Informativo da Secretaria Gaúcha dos Estudantes de História. N. 2, agosto de 1986, capa. ANEXO IV.

História (currículos e programas no 3º Grau e metodologia do ensino no 3º Grau).⁵² Estas eram discussões que estavam em primeira ordem na pauta do movimento estudantil de área da época e o CHIST parece ter se engajado no debate. Em 1986, a entidade participou da organização do “I Seminário Estadual de Discussão sobre Currículos” que, inicialmente previsto para o segundo semestre daquele ano, acabou por ser transferido para o primeiro semestre de 1987 na cidade de Pelotas, sede também do Encontro Estadual.⁵³ No EEEH de 1987, a discussão central foi acerca do mercado de trabalho para o profissional de História, quando os estudantes deliberaram como reivindicações a ampliação da carga horária mínima obrigatória para a área de Ciências Humanas nos antigos 1º e 2º Graus, a obrigatoriedade do ensino de Filosofia e Sociologia no 2º Grau, a extinção das disciplinas de Moral e Cívica, Religião e de Estudos Sociais, que unia disciplinas como História e Geografia em um único momento.⁵⁴

Em dezembro de 1986, o CHIST enviou três representantes (Márcia Borges, Alexandre Hambsch e Alfredo Gugliano) a Vitória, Espírito Santo, para o CONEHI, conselho preparatório do Encontro Nacional de 1987, realizado em Brasília. Entidades de instituições como UFES, UNB, CEUB, UEFS, UNESP, UFPEL, PUCSP, UFRJ E UFRGS optaram pelo tema da profissionalização do ofício do Historiador:

“Após as reflexões, percebeu-se que a regulamentação jurídica da profissão do Historiador é no momento trabalho a ser desenvolvido principalmente pelos profissionais da área, levando-se em conta suas atuais condições de trabalho. Enquanto que, aos estudantes, cabe no momento mais a luta pela transformação dos cursos que atualmente existem no país, visando o aprimoramento da formação profissional. Estas duas frentes tendem a se complementarem e se reforçarem, visto que não são desvinculadas, e permitem uma racionalização dos esforços.”⁵⁵

Com o fim da gestão Utopia e Paixão, parece que o envolvimento do CHIST com o movimento estudantil de área acabou ficando, pelo menos por algum período, desarticulado. Em março de 1988, a SEGEH enviava às entidades de História do Estado uma convocatória para reunião, onde, na carta endereçada ao CHIST, encontramos a seguinte anotação manuscrita: “Depois que a Cibele (sic) se formou perdemos o

⁵² COMO foi o VII ENEH. Ibidem, p. 1.

⁵³ INFORMATIVO. SEGEH. Pelotas, 11/12/1986, p. 3. ANEXO V.

⁵⁴ MERCADO de trabalho. SEGEH. Pelotas, 1987. ANEXO VI.

⁵⁵ RELATÓRIO das reuniões realizadas na Universidade Federal do Espírito Santo. – UFES nos dias 18, 19, 20 e 21 de dezembro de 1986. Porto Alegre, dezembro de 1986.

contato, é muito importante para todo o pessoal da SEGEH que Porto Alegre recomece a participar, pois há uma porção de coisas a se discutir. Apareçam!”⁵⁶

* * *

Enfim, procurei demonstrar como tanto os laços de filiação partidária e/ou ideológicos quanto as relações afetivas foram fundamentais para a constituição do CHIST e para a manutenção de uma certa coesão interna do grupo ao longo das duas primeiras gestões. Tanto as divergências político-ideológicas quanto as redes de sociabilidade promoviam aproximações e afastamentos, afinidades e atritos. Se por um lado pode-se creditar a tais redes as disputas e, com elas, muitas das dificuldades enfrentadas pelo grupo, por outro, como vimos, foi somente com sua estruturação que a entidade pôde vir à luz naquele momento, com uma configuração distinta e com as feições que lhe caracterizaram e lhe imprimiram sua dinâmica própria.

Bibliografia:

AGULHON, Maurice. Sociabilité populaire e sociabilité bourgeoise ao XIXe siècle. In. POUJAL, G. et HABOURIE, R. *Les cultures Populaires*. Privat, Institut National d'Education Populaire, 1979, pp. 81-91.

AGULHON, Maurice. Visão dos Bastidores. In.: NORA, Pierre et al. *Ensaio de ego-história*. Lisboa: Edições 70, 1989, pp. 13-62.

ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.

AMADO, Janaína, FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). *Usos & abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2005.

⁵⁶ SEGEH. Pelotas, 29 de março de 1988. ANEXO VI.

FAGUNDES, José, KREUTZ, Lúcio. Movimento estudantil no período da abertura política – 1978-1980. *Estudos Leopoldenses*. São Leopoldo, vol. 30, n. 137, Maio/Junho de 1994, pp. 55-68.

GOHN, Maria da Glória. *Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. 3ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

HALBWACHS, Maurice. *Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

MALATIAN, Teresa. A circularidade do discurso: perspectivas metodológicas da história oral. In.: DICREDO, M. do Carmo. *Fontes históricas: abordagens e métodos*. Assis: Editora da UNESP, 1996, pp. 47-56.

SCHMIDT, Benito et al. *ADURGS 25 anos: história e memórias*. Porto Alegre: ADURGS, 2004.

SIRINELLI, Jean-François. “Os intelectuais”. In: REMOND, René. *Por uma história política*. 2ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.